

LEITURA E ESCRITA EM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESENVOLVENDO HABILIDADES DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Ariana Santana da Silva¹

Tícia Cassiany Ferro Cavalcante²

¹ Universidade Federal de Pernambuco. santana.ariana@hotmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco. ticiaferro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Parece consenso entre os pesquisadores que estudam a inclusão da pessoa com deficiência nos espaços escolares a importância de incluir no currículo escolar, um conjunto de métodos e técnicas que favoreçam o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem por esses sujeitos. Por certo, proporcionar-lhes o acesso à leitura e à escrita, em uma sociedade cada vez mais grafo-fônica, consolida um grande passo no processo de empoderamento e autonomia dessas pessoas (PRIOSTE; RAIÇA; MACHADO, 2006).

Um passo importante para favorecer o desenvolvimento de habilidades comunicacionais e de aprendizagens da pessoa com deficiência intelectual é conhecer as suas peculiaridades, respeitando as especificidades de sua deficiência e, simultaneamente, ofertando estimulações essenciais a sua constituição como sujeito social. A forma como cada sujeito interpreta e interage com os signos convencionais presentes nos espaços em que estão inseridos é de extrema importância no progresso de suas funções simbólicas, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, oral e, posteriormente, escrita (CAVALCANTE, 2015).

Segundo Reily (2004), a fruição da linguagem em uma sociedade de falantes é condição de reconhecimento e identificação de seus sujeitos, logo a ausência desta habilidade legitima a condição de não-cidadania a todos aqueles que por razões, biológica ou social, não apresentam êxito na tarefa de comunicar-se com facilidade.

Assim como a linguagem, a escrita alfabética é uma construção sociocultural e sua apreensão dar-se mediante o recebimento de estímulos que ocorrem por meio das interações sociais, logo, é importante que desde cedo, ainda na educação infantil, as crianças sejam envolvidas em atividades de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética – SEA.



No que diz respeito à consolidação do SEA, Morais (2012) reflete sobre a importância do desenvolvimento de algumas habilidades fonológicas no processo de evolução dos estágios de hipóteses alfabéticas, chamando atenção, especificamente, para a formação da consciência fonológica, ou seja, a consciência dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos. Essa seria, portanto, uma etapa muito importante no progresso do estudante para que esse possa atingir uma hipótese silábica. Ainda segundo este pesquisador, o professor pode vir a fazer uso de algumas estratégias de ensino que favoreçam o desenvolvimento da consciência fonológica, quais sejam, as cantigas de roda, parlendas, trava-língua e jogos de alfabetização.

Vale ressaltar, portanto, que o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, tais como: segmentação e contagem silábica, reconhecimento de rimas e aliterações, consciência de palavras e consciência fonêmica, por si só não é suficiente para o possibilitar que o aprendiz se alfabetize, ou seja, o trabalho com consciência fonológica deve caminhar junto com ensino das funções do alfabeto e das regras de escrita, são elas: nomes das letras, distinguir letras com grafia parecida, posicionamento da escrita e, por fim, compreender as regras ortográficas.

Sendo assim, possibilitar a inclusão da pessoa com deficiência nos espaços educacionais é bem mais do que assegurar a sua matrícula. É possibilitar o desenvolvimento de habilidades importantes no processo de constituição desses sujeitos, contribuindo para uma melhor participação nos diversos contextos sociais. Assim, esse trabalho acadêmico se justifica por compreender que em uma sociedade grafo-fônica, a ausência de habilidades da leitura e da escrita apresenta-se como uma ‘marca d’água’ na ilegitimidade desses sujeitos como cidadãos, fator que vem a contrapor-se à Constituição Brasileira quando esta afirma que todos somos iguais perante a lei.

Dessa forma, surge a seguinte problematização: em contextos de inclusão educacional de alunos com deficiência, como o trabalho com consciência fonológica pode contribuir com o processo de alfabetização de um aluno com deficiência. Com isso, apontamos como objetivo geral analisar quais as contribuições do desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica no processo de alfabetização de um aluno com deficiência intelectual matriculado no 1º ano do ciclo de alfabetização da Rede Municipal de Recife. Por objetivos específicos trazemos: 1) Identificar qual nível de alfabetização de um aluno com deficiência intelectual, bem como os aspectos relacionados aos seus impedimentos cognitivos e comunicacionais; e 2) Verificar a relação entre o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica e a alfabetização de pessoas com deficiência intelectual.

Essa pesquisa é parte do meu projeto de dissertação intitulado “*Desenvolvimento da consciência fonológica por criança com deficiência intelectual no primeiro ano do ciclo de alfabetização*”, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco entre os meses de janeiro a fevereiro de 2018, na linha de pesquisa de Educação e Linguagem. Por tanto, trata-se de uma pesquisa em conclusão.

A pesquisa estará apoiada em uma abordagem qualitativa, cujos pressupostos teórico-metodológicos possibilitam a compreensão dos fenômenos que emergem do campo empírico por meio dos seus fatores relacionais, destacando a importância das interações sociais na construção do conhecimento.

METODOLOGIA

Como estratégia metodológica, adotamos a pesquisa-intervenção por acreditar na interconexão entre teoria e prática. Damiani (2012) aponta que a pesquisa do tipo intervenção visa fazer um levantamento sobre os elementos que possam contribuir para o pesquisador entender e explicar determinados fenômenos oriundos dos contextos sociais, mais especificamente, da sala de aula. Afastando-se, assim, do paradigma experimental, pois reconhece que o objeto investigado sofre transformações em contato com o pesquisador por meio das interações inerentes às relações.

Outro aspecto importante para a escolha do delineamento metodológico desta pesquisa diz respeito, sobretudo, à coerência entre a abordagem epistemológica adotada pelas pesquisadoras, a sócio-histórica. Vygotsky (1997) *apud* Damiani (2012) afirma “[a] prática estabelece tarefas e serve como juiz supremo da teoria, como seu critério de verdade. Ela dita a forma de construir conceitos e formular leis” (p.03).

Assim, em coerência com a escolha metodológica seguimos o desenho de pesquisa que Damiani (2012) nos apresenta, são elas: I) A pesquisa intervenção: *Parte de uma intenção de mudança ou inovação, constituindo-se, então, em práticas a serem analisadas*: Realizamos 21 intervenções pedagógicas direcionadas às habilidades de consciência fonológica, sendo 7 intervenções para amostra dos níveis comunicacionais e comportamentais do sujeito da pesquisa e 14 intervenções voltadas apenas para análise da progressão do nível de escrita. Assim, para cada 7 intervenções aplicávamos testes de escrita e de consciência fonológica, objetivando saber qual o nível que o aluno se encontrava na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). II) *Trabalham com dados criados, em contraposição a dados já existentes, que são simplesmente coletados*: O

planejamento, execução e avaliação das intervenções pedagógicas, bem como, as videograções, apresentam uma séria de dados que ajuda a compreender se as intervenções pedagógicas com realização de tarefas de consciência fonológica puderam contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, sobretudo, por se referir a um público tão específico como os alunos com eficiência intelectual. III) *Envolvem uma avaliação rigorosa e sistemática dos efeitos de tais práticas, isto é, uma avaliação apoiada em métodos científicos, em contraposição às simples descrições dos efeitos de práticas que visam a mudança ou inovação:* Os teste utilizados nesta pesquisa nos possibilita analisar a trajetória de desenvolvimento do aluno em estudo, bem como, nos permite perceber os recursos auxiliares de memória que o aluno se apoiou para compreender os enunciados da mediadora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como anunciado acima, a pesquisa em tela encontra-se em fase de análise dos dados. Portanto, aqui faremos alguns apontamentos preliminares. Podemos afirmar a partir das observações realizadas que a professora da sala de aula precisa ter mais conhecimento sobre a importância das habilidades de consciência fonológica no processo de alfabetização de todos os seus educandos, estas habilidades devem e podem ser trabalhadas em paralelo com o reconhecimento das letras. Sem, no entanto, limitar esse ensino ao método fônico. Atividades com rimas, parlendas populares, segmentação silábica mostrassem bastante presente no livro didático escolhido pela escola, mas a má mediação destas atividades empobrece e dificulta a compreensão dos alunos sobre o que está sendo pedido.

As intervenções realizadas até aqui nos permite corroborar com os estudos de Moraes (2012) sobre a importância da intervenções de consciência fonológica no processo de alfabetização dos educandos. Especificamente sobre educandos com deficiência intelectual, os estudos de Pinto e Lamprecht (2010) afirmam que crianças com deficiência intelectual, devido as déficit de memória fonológica, apresentam níveis inferiores de consciência fonológica em detrimento das que não possuem esta deficiência, no entanto, a pesquisa em tela se afasta das abordagens experimentais e comparativas, fato que nos impedi de corroborar com as afirmativas dos supracitados autores.

Sobre as interações do estudante com deficiência intelectual e os demais alunos da sala, podemos afirmar que não há por parte da turma qualquer rejeição, ao contrário, por trata-se de uma criança bastante comunicativa ele facilmente conseguiu está nas brincadeiras de roda, de futebol, entre outras. No entanto, o mesmo não ocorre em relação à professora da sala de aula comum, que



parece não se importar com a presença de um aluno que necessita de adaptações nas mediações do processo de ensino, podemos afirmar que há uma espécie de fumaça de invisibilidade sob as potencialidades do aluno.

Por fim, fica claro que a escola parecer apostar todas as fichas em uma espécie de aprendizagem espontânea, fato que negligência o direito de todas as crianças, inclusive as com que possuem deficiências, de se alfabetizarem. Sem dúvida a escola contemporânea revela-se um desafio para toda a comunidade escolar, posto que a as exigências sobre ela se multiplicaram, mas isto não lhe libera da sua principal função: criar estratégias que possibilite a todos os educandos refletir sobre a sua língua nativa; manipular textos e palavras com prazer e fruição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mantoan (2015) vai afirma que a educação inclusiva é a maior inovação que a escola poderia se propor, posto que esta busca reestruturar os velhos sistemas de ensino, questionando suas finalidades, provocando-o pra enxergar aquilo que sempre esteve à frente de seus olhos: se os sujeitos não são os mesmos, então porque as estratégias de ensinagem¹ haveriam de ser as mesmas? A autora, no entanto, não esconde os grandes desafios trazidos por pela educação inclusiva, a saber: formação de professores; adaptações dos recursos didáticos; acessibilidades arquitetônicas e comunicacionais, entre outras. A autora insiste em convencer seus leitores a aceitarem o que ela está chamando de inovação. No entanto, nos parece que tanto a supracitada autora quanto seus leitores apesar de já convictos da inovação latente à escola precisam, com urgência, gritar mais alto, posto que o que ainda encontramos nas escola está longe de qualquer inovação, aproxima-se mais do que venho a chamar de invisibilidade.

Sim, urge a necessidade de aumentarmos as oportunidades de desenvolvimento à todas as crianças em idade escolar, o acesso aos portões da escola não está sendo suficiente para provocar a verdadeira inovação que os alunos com deficiência espera. Sem dúvida, afirmar que o Brasil ampliou suas políticas de educação especial não é o mesmo que afirmar que o Brasil inovou em seu sistema de ensino. Assim, convidamos a todos a mobilizar-se nos espaços que estão para possibilitar a verdadeira inovação que a escola precisa!

¹ Anastasiou. Estratégias de Ensinagem. 2000.



REFERENCIAIS:

CAVALCANTE, T. C. F.; FERREIRA, S. P. A. **Impedimentos cognitivos e a acessibilidade comunicacional na escola: contribuições da teoria de Vygotsky**. Ciência & Cognição, Rio de Janeiro, 2011, V. 16 (3): 043- 056.

CAVALCANTE, T. **Reflexões sobre a alfabetização do estudante com deficiência intelectual**. Texto em publicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

DAMIANI, Magda F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – UNICAMP. Campinas, 2012.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. ARANTES, V. A (org.). São Paulo: Samuns editora, 2006.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PINTO-LAVRA, B.; SEGABINAZI, J. D.; HÜBNER, L. C. Consciência fonológica e desenvolvimento da escrita na síndrome de Down: Um estudo de caso longitudinal. **Revista CEFAC**. 2014 Set-Out; 16(5):1669-1679.

PRIOSTE, C.; RAIÇA, D.; MACHADO, M. **Dez questões sobre a educação inclusiva da pessoa com deficiência mental**. São Paulo: Avercamp, 2006.

RAMOS, L. M. de O. **Estratégia para iniciar/ampliar a comunicação verbal em aluno com deficiência mental**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Programa de desenvolvimento educacional/PDE, Londrina, 2008.

REILY, L. **Escola inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. (Neto, J.C.; Barreto, L.S.M.; Afeche, S.C., Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1994.